

O UIVO DO LOBO

CONTOS E POEMAS



Ademir Pascale
organizador

VOL. II

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-73659-5

2023

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

RECORDAÇÕES, POR ADEMIR PASCALE, PÁG. 05

TRÊS DEDOS, POR NEY ALENCAR, PÁG. 13

O MEDO DO LOBO, POR NEY ALENCAR, PÁG. 16

A TRÉGUA DO LOBO, POR NEY ALENCAR, PÁG. 20

MAHINA (PARTE I), POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 25

MAHINA (PARTE II), POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 30

KEI KEI CANTA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 34

O TREINAMENTO NA JAULA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 36

EU TAMBÉM, POR SELMA LUANNY, PÁG. 39

LILITH, POR CIDA SIMKA E SÉRGIO SIMKA, PÁG. 41

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 44

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



O UIVO DO LOBO - VOL. II



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

RECORDAÇÕES

Por Ademir Pascale

Paulista, escritor e ativista cultural. Editor da Revista Conexão Literatura e colunista/colaborador da Revista Projeto AutoEstima. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro "Nouvelles du Brésil" (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Criador e organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out - Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Autor dos romances "Jornal em São Camilo da Maré" e "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe". Escreveu a introdução do livro "Bloody Mary - Lendas Inglesas" (Ed. Dark Books). Contato: ademirpascale@gmail.com

Sentindo o cheiro que emanava do corpo estático, o suor escorria da testa embaçando a sua visão. Seus pés estavam dormentes. Já fazia mais de seis horas que estava naquela posição e uma cruel estafa assolava seus pensamentos. Amarrado numa antiga e resistente cadeira de madeira, não estava só no casebre; alguns ratos faziam-lhe companhia. Os olhos cansados giravam vagarosamente para os lados; cinza, antigo e empoeirado. Naquela noite *ele* fez uma descoberta: o silêncio emanava sons. A sensação de desconforto tomava-lhe a alma: formigamento, roupas molhadas de suor, sede e outras necessidades básicas do ser humano. Apesar dos pulsos amarrados, os dedos tamborilavam harmoniosamente na cadeira, gerando um som repetitivo. E para passar o tempo, não dormir e morrer naquela posição, recordava-se de uma das suas inúmeras caçadas...

Rio de Janeiro. Março de 1844:

As ruas mal iluminadas estavam desertas, ouvia-se o som da garoa tocando o chão de pedra. Segurando uma bengala com a mão esquerda, *ele* estendeu a mão direita e sentiu os pingos gelados tocando-lhe a pele. Era uma sensação prazerosa, mas continuou caminhando e por mais que tentasse não causar ruídos, as botas novas e as batidas da bengala no chão não deixavam. Alguém o seguia, silencioso como um felino, mas não tão astuto, pois o mau cheiro do inferno o revelava. Provavelmente não era do sexo masculino, pois o odor infernal, mesmo sendo horrível, era adocicado, mas não fazia diferença, um verdadeiro caçador não distingue sexo ou raça, pois monstro é monstro. O jovem continuava caminhando e aparentemente sua fisionomia era de tranquilidade, mas seu coração em ritmo frenético e seus músculos enrijecidos por trás da sua longa capa negra revelavam ansiedade. Seus bolsos estavam aparentemente cheios, chamariz para qualquer gatuno, mas não eram volumes de dinheiro, e sim de objetos ritualísticos e artefatos anti-demônios. O que mais lhe incomodava era o martelo que trazia preso à cintura, enquanto que a espingarda de percussão, com uma baioneta de prata acoplada à boca do cano, era um belo disfarce em forma de bengala. Livusia, a entidade que o seguia, não era bem um demônio, mas uma assombração, um espírito maligno milenar associado à inquietação. Nos últimos meses, várias mortes que ocorreram entre a população e a

corte imperial, não foram esclarecidas. Alguns poucos sobreviventes descreveram a assassina como uma mulher de aparência terrível; cabelos desganhados, olhos arregalados, dentes podres, pele clara como a cera de uma vela e odor insuportável. Os ataques sempre ocorriam nas madrugadas, horário propício para *serial killers*. A Guarda Nacional, bem diferente das histórias clássicas de detetive, não acreditou nas vítimas, deduzindo ser uma alucinação coletiva. Mas, *e/le* sabia muito bem o que era: um ser que não poderia ser comparado a qualquer fantasma que enfrentou em mais de cinco anos de atividades paranormais. Era uma entidade poderosa e conhecedora das artes negras, que agora estava no Rio de Janeiro na busca desesperada por almas, alimento rico que a mantinha ativa. Para ela, aquele transeunte com uma bengala e uma capa escura era apenas mais um pobre e indefeso ser humano que caminhava na madrugada, mais uma apetitosa alma que lhe serviria como alimento. Mero engano: ela se aproximava lentamente, ele continuava seu caminho sem olhar para trás e ansiava pelo alerta: uma forte ventania que anunciava a aproximação do espírito, fato que se concretizou em segundos; aquele era o momento do ataque surpresa. O caçador virou-se repentinamente, ao mesmo tempo em que ergueu sua bengala em direção ao espírito que não hesitou e seguiu com fúria em sua direção. Houve um disparo, *e/le* usou sal como munição. Embora parecesse surreal para olhos humanos, o espírito estava ferido. Houve outro disparo. A entidade escancarou seus dentes apodrecidos e urrou de dor, caindo logo em seguida de joelhos. O caçador retirou um giz do bolso e fez um círculo em volta do espírito enfraquecido, depois desenhou um pentagrama. Livusia estava desesperada e com as mãos na cabeça, desganhava ainda mais seus cabelos sebosos. Uma porção generosa de sal foi jogada dentro do círculo. *E/le* retirou um livreto de capa preta do bolso da camisa e pronunciou algumas palavras: *Morte nihil certius est, nihil vero incerta quam ejus hora. Nihil est quod Deus efficere non possit*. Por fim, fez um círculo de pólvora em volta da entidade e ateou fogo. O trabalho estava terminado e Livusia fazia companhia às outras entidades aprisionadas nos confins do inferno.

* * *

Aos poucos, a visão turvada foi revelando a pequena sala do casebre. Os dedos voltaram a brincar na cadeira. O pio da coruja anunciava que já era bem tarde. Talvez permanecesse mais uma ou duas horas naquela posição. A morte era certa, então como o último e prazeroso trago no cachimbo, tentou recordar mais uma das suas últimas caçadas bem sucedidas. E eram tantas que logo lhe invadiram a mente: Francisco Lobisomem, o coioote do inferno, o espectro da casa 235, o caso da combustão espontânea de um morador de rua, os duendes infernais do Paço Imperial e... a expulsão do demônio Tengu na Vila Magé; este último quase lhe tirou a vida...

Rio de Janeiro. Dezembro de 1843:

Um dia antes do Natal, sentado num banco numa praça do Rio de Janeiro, *e/le* tentava refletir sobre a sua importância perante Deus, mas não conseguia se concentrar, pois um dos seus informantes tirou-lhe a atenção.

— Senhor, uma senhora de nome Maria das Graças, muito nervosa, procurou-me ontem. Ela estava desesperada, pois disse que o seu estabelecimento está sendo atacado todas as noites por um demônio de nome Tengu.

Como sempre, ao ouvir o informante, *e/le* permaneceu frio como uma estátua de mármore, exceto ao ouvir a pronúncia do nome Tengu; uma espécie de duende do inferno, o que injetou óleo em suas engrenagens. O informante passou detalhes do estabelecimento, que virou o caos desde o início daquele mês. Ele ainda contou que a senhora, de nome Maria, ao abrir as portas da mercearia, encontrava cadeiras e mesas derrubadas, farinha para todos os lados e óleo espalhado no chão. Inicialmente, ela imaginou ser um gato, mas um bichano não teria forças suficientes para derrubar todas as mesas e cadeiras. Poderia ser um empregado revoltado com o baixo salário, mas ao término do expediente, ela trancava as portas e os únicos que possuíam as chaves eram ela e o seu esposo. Até que, no dia 20 de dezembro, ao abrir a mercearia uma hora antes do habitual, viram Tengu, um pequeno demônio de barba longa, nariz e dentes proeminentes.

Ao acabar de ouvir o informante, *e/le* sabia que teria muito trabalho pela frente, pois esses duendes são desordeiros, assassinos e ladrões de crianças. Foi até a sua casa e no seu quarto, atrás de uma parede falsa, pegou uma bolsa, uma pesada Cruz de Malta,

alguns amuletos especiais contra pequenos demônios, água benta, alguns doces, uma gaiola de ferro e muita fé.

Na mercearia

Depois que todos os funcionários saíram do estabelecimento, Maria das Graças se despediu com certa tristeza no olhar, pois parecia que não confiava muito, ou que sentia pena do homem encapuzado que ficaria enclausurado com o pequeno demônio. Confiante e com o olhar cerrado, ele fechou a porta e deu duas voltas na fechadura. Retirou o pano que cobria o seu rosto, pois lá dentro não corria perigo em ser reconhecido. Preparou seus apetrechos e no final deu uma suspirada, olhou por cima do balcão e sentiu sede. Encheu uma caneca com o líquido ardente que encontrou num barril. Apagou quase todas as velas, deixando apenas duas acesas, pois demônios não gostam de claridade. Sentou numa cadeira bem na entrada da mercearia e saboreou sua bebida calmamente enquanto sentia um odor enjoado de mofo impregnado nas paredes. O relógio marcava 23h30, esse tipo de demônio costuma agir depois da meia-noite. 23h55, mais um pouco do líquido ardente. O caçador ouviu ruídos semelhantes aos dos roedores e, para o seu espanto, notou que realmente eram. Precisava chamar a atenção de Tengu, então retirou alguns doces da bolsa, fazendo uma fileira no chão que terminava dentro da pequena gaiola de metal. Não demorou a ver Tengu surgindo de trás de um barril. Com olhar desconfiado, o demônio não hesitou em seguir a trilha de doces, comendo todos, mas, ao ver a gaiola, não entrou, e foi neste momento que o pequenino percebeu a armadilha e tentou jogar sua poderosa magia contra o caçador que, num gesto rápido, retirou a pesada Cruz de Malta da bolsa e apontou para o demônio, que apenas sorriu. O caçador acreditava que essa cruz paralisaria o duende, mas como de nada adiantou, com muita raiva, atirou o pesado instrumento na cabeça do pequenino que, atordoado, caiu. Dentro da gaiola, trancafiado com dois cadeados, com as mãos e pés amarrados e uma mordança sobre a boca, Tengu ainda meio zozzo tentou se soltar, sem êxito. Mais um trabalho estava concluído. *Ele* recebeu uma recompensa em dinheiro da proprietária, que fez questão de descontar a bebida que foi consumida durante a noite. O caçador pensou num local para deixar Tengu pela eternidade, mas resolveu deixá-lo como *souvenir* no esconderijo em seu quarto, juntamente com dezenas de objetos ritualísticos de casos antigos e recentes.

* * *

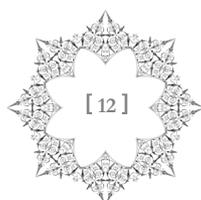
Mais uma hora havia se passado, *e/e* já estava cansado de recordar antigos casos, então resolveu refletir mais uma vez sobre sua existência e conflitos pessoais, afinal, existem demônios internos que podem ser eliminados, mesmo sem armas ou artefatos anti-demônios. Naquela noite *e/e* soube que não era apenas mais um número em milhões, sua importância era real, assim como cada ser humano, ou quase todos, são importantes naquilo que fazem. Aquele era o seu trabalho, caçar demônios, espíritos malignos e outras aberrações demoníacas. Afinal, quantas pessoas fazem isso no Brasil? Seu trabalho era solitário, embora já tivesse ouvido falar de alguns caçadores em outros países. Mas, aquela não era a resposta definitiva, faltava algo, talvez um sinal, de preferência do próprio Senhor onisciente e onipresente. Agora bastava esperar, mesmo sentado e amarrado, por Yan-gant-y-tan Canibale, uma anormalidade até mesmo para os padrões de sua própria raça das trevas. Um demônio moribundo vindo da Bretanha, um ser carregado de maus presságios, talvez o mais poderoso de todos da sua espécie, uma entidade que não anda em bandos e que faz seu trabalho solitário, assim como *e/e*. Yan, segundo antigos manuscritos do século II d.C., era fascinado por ouro, o que levava viajantes noturnos a carregar pequenos sacos com moedas feitas desse minério, pois a pequena fortuna lhes valia a vida. O caçador usava uma pequena corrente de ouro, que talvez servisse de chamariz para o demônio. E lembrando dos antigos manuscritos que encontrou em uma antiga tumba da Bretanha, *e/e* já sabia o que veria naquela noite: um ser peludo como um lobisomem, mas maior, inteligente, ganancioso e mais forte. Seu vício era caminhar com duas velas nas mãos, sempre entregando uma para a sua vítima, antes de retalhá-la.

1h12: para passar o tempo, o caçador resolveu contar as frestas do casebre de madeira, mas eram muitas e acabou perdendo a conta rapidamente. Uma das fendas na parede, no entanto, lhe chamou a atenção, pois através dela notou uma luz bem distante seguindo em sua direção. A proximidade revelou que eram duas velas, carregadas por um ser grande. Yan-gant-y-tan Canibale seguia, vagarosamente, o seu caminho.

A noite estava fria e o suor parecia congelar no meio do trajeto. Os nervos estavam à flor da pele. Após horas, faltavam míseros segundos para o fatídico encontro. As luzes se aproximavam. Os dedos não tamborilavam mais nos braços da cadeira, mas seguravam com tanta força, que a vermelhidão e as grossas veias das mãos estavam nítidas. *Flashes* de antigas lutas sobrenaturais lhe invadiram a mente, mas tentou esquecê-las, precisava se concentrar. Yan estava cada vez mais próximo. Mais próximo. Ouviu um estrondo, geralmente monstros não batem na porta, arrebentam tudo o que encontram pela frente, e esse não seria diferente. O demônio se aproximou do homem amarrado. Por um instante, parecia estar sorrindo. Olhou para os lados desconfiado, tudo estava muito fácil. Quantos demônios e outros monstros não gostariam de estar em seu lugar? O Caçador, aquele que enviou dezenas para os confins do inferno, estava ali, sentado, amarrado e frágil. O monstro agachou, ficou frente a frente com o homem e fixou seus olhos vítreos nos dele. Pingou cera quente em cima da mão esquerda do indefeso homem e tentou fixar em sua pele uma das velas que carregava. *Ele* sentiu ódio e seus olhos não estavam tão diferentes do monstro que estava à sua frente. Faltavam apenas segundos para o fatídico desfecho. O odor da morte pairou no ar. Alguns espectros surgiram do chão e das frestas, pois aguardavam com ansiedade a derrota daquele que tanto se vangloriou em anos de árduo trabalho, parecia que eles assistiam de camarote a uma grande peça teatral. Yan visualizou a corrente de ouro do caçador e, como uma criança olhando o seu brinquedo, permaneceu estático por um momento, mas isso não adiantou, logo em seguida escancarou a bocarra e o odor da podridão invadiu o ambiente. *Ele* prendeu a respiração e, num momento brusco, ouviu um grito de dor. Os espectros ficaram espantados, pois o grito desesperado não era do caçador, mas sim da criatura demoníaca que agora passara a ser vítima, ferida com uma estaca cravada no coração... O Caçador usou um dos braços da cadeira como disfarce; era uma afiada estaca de madeira. Para surpresa do monstro, *e/le* se levantou com facilidade, fazendo valer a pena a espera, mas, mesmo com uma estaca fincada no peito, Yan ainda estava vivo e apresentava ameaça e, com um único golpe do seu imenso braço, atirou o homem contra a parede, quebrando uma de suas costelas. Mesmo com dor, o homem se levantou rapidamente e com força quase inumana empurrou o monstro para o centro da pequena sala, dando um salto logo em seguida para

próximo da porta. O chão cedeu e Yan caiu na armadilha. Este era o fim, o caçador fincara inúmeras estacas banhadas em água benta no buraco, mas ainda conseguiu ouvir alguns improperios antes do monstro milenar morrer.

Ferido, cansado e faminto, precisava caminhar. Saiu do casebre sem olhar para trás, enquanto balbuciava antigas e esquecidas orações. O dia estava amanhecendo e o frescor da manhã lhe fortalecia. Mesmo assim, precisava de descanso, nem se fosse por um dia. *Ele* olhou para o céu sem muitas esperanças, mas desta vez teve a tão esperada resposta pela qual ansiava, sobre a sua real importância perante Deus, um sinal que ele prometeu jamais revelar. Cobriu o rosto com um pano branco e deixou apenas os olhos visíveis. Caminhou ziguezagueando até a sua luxuosa residência e, experiente como um gatuno, escalou o muro. Em silêncio, pulou para a janela do seu quarto com muita dificuldade. Retirou o pano do rosto e sua grande capa negra. Olhou-se no espelho e sorriu ao vislumbrar o brasão bordado no bolso de sua camisa com as siglas PII. Deitou-se em sua confortável cama e suspirou aliviado por ter conseguido passar por sua Guarda Real e por não ter sido reconhecido nas ruas do Rio de Janeiro. O único problema seria explicar como ele, Dom Pedro II, Imperador do Brasil, acordou cheio de hematomas e uma das costelas quebrada.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Três Dedos

Por Ney Alencar

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João - PE. Possui 250 contos publicados em 50 e-books e em 88 antologias. Possui 04 Romances publicados.

“O lobo caça,
O homem mata,
Natureza verdadeira!”

— Faces de Horror

1920. Dakota do Sul.

A noite caiu como um suspiro de horror!
A sombra silenciosa da besta se moveu nas trevas sem fazer nenhum ruído.

O cheiro das ovelhas era forte e oleoso, suas respirações eram pesadas.

O vento do lado de fora do curral soprou por baixo das frestas e trouxe um odor que não era de homem.

Havia algo lá fora arranhando o pátio e depois o chão ao lado do curral, o vento afastou-se amedrontado.

Uma mancha acinzentada dobrou-se e encolheu-se para se esgueirar pela fresta entre a terra e a madeira do curral, olhos amarelos cintilaram na escuridão interior.

Uma ovelha abriu os olhos sonolentos, sentiu o odor pungente que veio em sua direção e reagiu imediatamente, porém sua morte veio tão subitamente que tudo o que ela conseguiu sentir foi deslumbramento.

A garganta foi lacerada tão profundamente que a cabeça pendeu para o lado sustentada apenas pela pele grossa.

A besta não se alimentou!

Limitou-se a bufar e um rosnado rouco saiu de sua garganta sedenta, ecoando pelo curral como um alarme invisível, todas as outras ovelhas acordaram em pânico.

O horror estava ali entre elas!

A besta pareceu sorrir e suas gengivas pretas se arquearam mostrando a língua dardejante cheia de sangue e os dentes brancos como facas afiadas.

Seu pelo arrepiou-se quando ela levantou a cabeça e soltou um uivo horrendo que desmantelou toda a sanidade que ainda havia nas ovelhas.

Elas correram para longe e para perto, sem saber para onde ir, e cada uma que se aproximava era silenciada.

A besta entrou em um frenesi assassino, matando e mutilando tudo o que surgia à sua frente até que acabou!

Tudo cessou!

Os corpos das ovelhas ainda exalavam calor e uma fumaça branca pairava sobre o chão do curral.

A besta levantou a cabeça e pela segunda vez uivou, um som longo e aspirado que balançou pelo vento que entrava pelas frestas do curral e saiu para a noite.

Um anúncio do que fizera ali!

Olhou ao redor para a matança sob suas patas.

Ah, o puro amor de matar apenas por matar!

Nada se comparava àquilo!

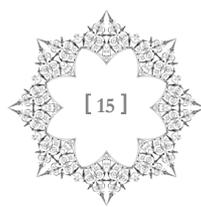
Com o focinho abriu o ventre de uma ovelha jovem e devorou o fígado bem devagar, saboreando a carne escura e cheia de sangue, como se fosse uma delícia requintada!

Depois voltou-se e com cuidado desusado rastejou por debaixo da cerca do curral.

Com um pulo saiu do pátio a fazenda e logo perdeu-se pela escuridão da noite!

A única coisa que deixou para trás foi a marca de sua pata!

A marca indelével de seus três dedos!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Medo do Lobo

Por Ney Alencar

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João - PE. Possui 250 contos publicados em 50 e-books e em 88 antologias. Possui 04 Romances publicados.

“Na mata sombria
O uivo traz o Medo
Que é o Lobo!”

— Ditado de Lenhador

1880, Turku, Finlândia.

As crianças correram pela mata sem prestar atenção à nada!
Queriam chegar à casa da avó antes que os pais dessem por sua falta e já
estavam quase lá, faltava pouco agora.

Podiam ver o grande telhado surgindo por entre o topo dos cones verde-escuros dos pinheiros altos.

No inverno eram proibidos de sair de casa, por causa do frio e dos animais selvagens, mas elas não ligavam.

Estavam cansadas das histórias de ursos e lobos malvados, queriam sentir o cheiro delicioso dos biscoitos da avó ainda quentinhos!

Erkki e Eirik, gêmeos, corriam juntos na frente, sem parar, rindo, enquanto Heilin e Singe corriam mais atrás.

Erkki tropeçou e caiu na neve, ainda rindo, o rosto afogueado.

Eirik parou quase ao seu lado e continuou a rir, não conseguia se conter.

Heilin e Singe pararam a poucos metros deles, mas não estavam mais rindo.

Olhavam com os olhos arregalados de medo para alguma coisa que os dois não conseguiam ver dali de onde estavam.

Erkki deu um passo, olhou na direção em que olhavam e viu, parado, na sombra da beira de uma grande touceira de espinheiros e pinheiros, um grande lobo de pelo cinzento.

A face da besta era branca e nela os olhos pretos se destacavam, assim como a boca grande de gengivas pretas onde dentes brancos surgiam protuberantes.

Era tão grande como um bezerro de um ano e o pelo cinzento estava todo eriçado e cheio de neve.

As orelhas pontiagudas estavam eriçadas e a criatura olhava as crianças com o que parecia ser uma certa curiosidade.

Erkki levantou-se rápido e parou perto de Eirik, as duas cabecinhas loiras bem próximas, Heilin e Singe correram para perto deles e deram-se as mãos.

O lobo deu um passo na direção deles.

Súbito Eirik lembrou-se das histórias sobre lobos que estavam levando crianças para dentro das matas para devorá-las.

Não imaginava que fosse histórias de verdade, achava que eram apenas histórias da carochinha contadas para assustar as crianças e fazê-las ficar em casa, sem sair.

Um arrepio de terror correu por seu corpo!

Aquele lobo era bem verdadeiro, mas talvez não fosse um lobo que comia crianças, talvez só estivesse perdido na mata.

Heilin e Singe começaram a chorar, um choro desesperado e sentido.

Erkki olhou sério para elas e comandou:

— Vamos correr! Se formos muito rápidos podemos escapar dele. A casa da avó fica logo depois destas árvores. — falou apontando para alguns pinheiros uns trinta metros à frente.

Singe, a mais velha, puxou-o pela mão e o olhou muito séria.

— Você não sabe que não se foge de um lobo correndo? — disse ela com propriedade na voz — Se correr ele corre e te pega!

— Então vamos andando bem devagar. — replicou o menino com sua sabedoria de apenas nove anos.

As quatro crianças retrocederam devagar e começaram a andar, sem correr, em direção à casa da avó.

Por um instante parecia que o lobo ia ficar para trás, porém ele deu alguns passos e começou a segui-los.

Erkki voltou o rosto para olhar o bicho e foi então que viu o segundo lobo, escondendo-se nas sombras de um carvalho mais distante.

Seus olhos eram diferentes, eram mais amarelos e maiores do que o outro e olhavam atentamente para Heilin, a menor das crianças, de apenas sete anos, sua boca se abria quase em um sorriso animalesco, mostrando a língua vermelha que dardejava entre os lábios negros e por entre os caninos ferozes.

Ele parecia estar abaixado, mas logo se levantou e começou a andar em direção à eles.

Erkki amedrontou-se com aquela reação do animal, o medo montou sobre ele como um cavaleiro e o menino não conseguiu se controlar mais, desatou a correr em pânico!

Quando ele correu todas as crianças correram tomadas pelo medo!

Logo em seguida Eirik ouviu um grito alto de Heilin e olhou para trás.

Havia um terceiro lobo que se escondera na sombra de uma fileira de pinheiros e quando passaram correndo pulara e a derrubara no chão.

Agora ele a puxava com força para dentro das sombras do pinheiral.

Eirik gritou para Erkki e apontou Heilin, os dois correram balançando os braços e gritando na direção dela.

Eirik pegou um galho quebrado e brandiu na direção do lobo.

A besta estava sobre ela com o focinho aberto mordendo suas costas.

O lobo assustou-se quando os dois meninos correram em sua direção e largando a pequena voltou para as sombras, mas não fugiu, ficou ali, parado, apenas olhando.

Seus olhos eram cor de mel e também parecia sorrir com a bocarra entreaberta e a língua gotejando sangue.

Eikki levantou Heilin que chorava e soluçava, tremendo de terror.

Eirik pegou-a pela mãozinha gelada e novamente correram em direção à casa da avó.

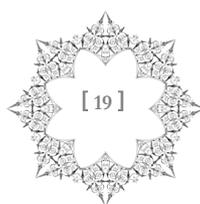
Correram com todas as suas forças, os gêmeos quase carregando a irmãzinha nos braços, seus pequenos pulmões pareciam que iam explodir com o esforço.

Até que atingiram o batente de pedra e bateram com toda força na porta gritando por ajuda.

Somente então se deram conta de que eram apenas três!

Singe não estava com eles!

Da escuridão da mataria de pinheiros um uivo prolongado e sobrenatural marcou o entardecer com um canto lúgubre!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A Trégua do Lobo

Por Ney Alencar

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João - PE. Possui 250 contos publicados em 50 e-books e em 88 antologias. Possui 04 Romances publicados.

1917, Fevereiro. Volhynia.

A neve caía densa e pesada com uma precisão horrenda sobre os campos ao redor do velho castelo de Lutsk transformando tudo em um mar branco e gelado.

Ernst sentiu as mãos se congelando dentro das luvas, moveu os dedos com dificuldade, doíam, e apertou a coronha do rifle com força tentando sentir algo.

Tentou mover-se, mas as pernas estavam mais enregeladas do que imaginava, com muita dificuldade dobrou os joelhos, as calças estalaram, estavam úmidas e meio congeladas, as articulações doíam como se queimassem por causa do frio.

Olhou ao redor, a trincheira estava totalmente tomada pela neve, o sol sequer havia deixado o meio do céu e seu calor já esfriava, as sombras dos pinheiros erigiam uma parede ao seu redor que impedia o que restava da luz de entrar.

Apenas o vento conseguia passar por entre aqueles troncos gelados, o vento que trazia mais frio.

O que o Ob Hauser queria que fizessem ali? Não dava pra defender aquela posição naquelas condições, até mesmo ele que só tinha vinte anos sabia disso, o frio excessivo já havia morto quase metade da guarnição e a outra metade estava doente ou ferida por causa das sortidas dos inimigos.

Fazia dois dias que não havia ataques, nem bombardeios, talvez o frio também tivesse afetado os russos, mas eles deveriam estar acostumados com aquele tempo terrível!

De onde estava podia ver o topo da velha torre do castelo sobressaindo por entre o cocuruto das copas árvores, as pontas de pedra dos espigões contrastando contra o céu branco.

Levantou a cabeça pela beirada da trincheira, não havia mais ninguém ali, a próxima trincheira estava vazia, Hans e Otto haviam morrido há dois dias por causa do frio excessivo, mas os corpos continuavam dentro da trincheira, não havia motivo para leva-los dali, enterrá-los naquela terra dura era trabalho demasiado.

Subitamente ouviu um arranhar e um rasgar esquisitos.

Vinha da trincheira próxima, onde só deveriam haver os corpos dos companheiros, será que algum inimigo havia conseguido passar pelo campo minado? Ou pelas linhas de arame farpado?

Levantou o rifle e ficou em pé, subiu pela borda da trincheira bem devagar, não queria que notassem que ele estava ali.

Com cuidado engatinhou bem devagar até a borda da outra trincheira.

Colocou a ponta do rifle apontando para dentro e olhou pela borda.

O choque o deixou perplexo, completamente paralisado pelo horror e pelo medo!

Não eram os russos! Era algo muito pior.

Uma coisa que jamais poderia imaginar que fosse encontrar ali naquele lugar!

Um enorme lobo cinzento, bem maior do que um São Bernardo, estava rasgando o uniforme de Hans bem no peito com os dentes pontiagudos como navalhas.

Tecido estava completamente congelado, mesmo assim a besta conseguia arrancar nacos da carne do morto pelo buraco que fizera.

Logo atingiu um osso de costela e Ernst ouviu horrorizado o estalar alto e o mastigar compassado quebrando o silêncio.

Não conseguia se mover, estava paralisado pelo medo, transito de terror, sequer conseguia ter coragem para apontar seu rifle e matar a fera.

O barulho forte daquele matraquear de dentes sobre os ossos ecoava sinistro acima do barulho do vento.

Então pareceu que ouvia outro som, ainda mais aterrador que aquele, um som que também jamais esperara ouvir naquele lugar.

A guerra deveria tê-los mortos todos ou afugentado para outros lugares, mas não o fizera, eles estavam ali, ao redor dele, e eram muitos.

O vento trazia seu canto sombrio, seus uivos que ecoavam e eram respondidos com outros ainda piores.

Ernst levantou os olhos e viu que havia sombras esguias correndo pelo meio da mata que o cercava e não eram sombras de homens.

Não sabia o que fazer.

Seu coração estava lutando dentro do peito, pulando como louco ao mesmo tempo em que tentava ficar quieto para não chamar atenção daquelas criaturas da noite!

Quando voltou a olhar para dentro da trincheira deu de cara com os olhos meio cinzentos meio amarelados do lobo que o observava irritado.

Um rosnado baixo vinha de suas mandíbulas ensanguentadas, um ronco horrendo que quase sufocava a respiração de Ernst.

Por um instante ínfimo ele ficou sem saber o que fazer!

Qualquer coisa que fizesse ali poderia fazer o lobo ataca-lo e ele não sabia como poderia se defender.

Bem devagar foi retrocedendo para dentro de sua trincheira, quase sem fazer barulho.

Sentou-se em um canto, tremendo, e olhando ao redor, os uivos pareciam ter parado, em um silêncio pior do que qualquer barulho!

Procurou com os dedos enregelados a pistola de sinalização na mochila ao seu lado, não queria fazer barulho, mas os talheres e o prato bateram e cortaram aquele silêncio maldito.

Escutou um movimento terrível ao seu redor.

Bem devagar puxou a pistola do coldre, primeiro tinha que avisar os outros, depois veria o que teria que fazer, tinha que sair dali o mais rápido possível.

Levantou o braço e atirou!

A luz espocou e seu brilho avermelhado veio descendo por entre as copas das árvores, descendo devagar por entre as silhuetas altas de uma matilha inteira de lobos cinzentos postados ao seu redor.

Seus olhos amarelados refletiam a luz vermelha como se fossem cães do inferno!

Eles não correram, nem fugiram diante da luz do sinalizador.

Não pareciam ter medo dele.

Nem de suas armas!

Tentou contá-los, mas perdeu-se antes de chegar à uma dezena. Eram muitos!
Demais!

Não poderia acertar todos, tinha apenas quatro balas, usara a pistola no ataque de cinco dias atrás.

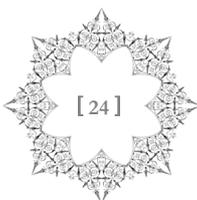
Não havia como escapar!

Uma silhueta se destacou dentre as outras, veio gingando até parar na borda da trincheira, era o lobo que estivera comendo Hans, podia ver seu focinho comprido avermelhado por causa do sangue.

A besta levantou as gengivas mostrando os dentes em um rosnado forte.

Ernst sabia o que aconteceria quando ela parasse de rosnar, podia ver as outras silhuetas se movendo atrás dela e ao seu redor, pelas sombras.

Apontou o cano da pistola para sua têmpora, premiu o gatilho lentamente e naquele ínfimo momento de epifania antes do choque da bala com o osso do crânio pensou na jovem esposa que ficara em Berlin!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Mahina Parte I

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pela história "Como a Neve de Maio". Colabora com as revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre". Participou de mais de duzentas e quarenta antologias. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos" etc. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

PARTE I

O menino estava prestes a dormir, todavia, o sono não vinha. Então, cuidadosamente, chamou:
— Pai!

Era pouco mais do que um sussurro, mas foi o bastante.

O pai, sonolento, aproximou-se do leito do filho.

— *O que foi?*

— *Conte-me uma história!*

— *Agora?*

— *Por favor.*

Resignado, indagou:

— *Que história?*

— *Qualquer uma...*

O pai pensou um instante, procurando se concentrar. Não conhecia muitas e, as que sabia, contara ao garoto diversas vezes. Nunca tivera tempo ou paciência para aprender outras.

— *Uma história...*

De repente, seu rosto iluminou-se.

— *Já sei! Prepare-se. Esta será a mais importante de todas que eu poderia ter contado. Está preparado?*

O filho, ansioso, respondeu sem titubear:

— *Estou!*

— *Hum, então, vejamos. Por onde é que eu posso começar...*

Nos primeiros dias da Criação, enquanto o Caos se acalmava, o Pai Céu cobria languidamente a superfície da Mãe Terra, presenteando-a com o Sol, a Lua e miríade de estrelas. Luz e escuridão harmonizavam-se, buscando um ponto de equilíbrio.

Naqueles tempos primevos, os seres humanos viviam em total harmonia entre si. Mesmo quando se deparavam com membros de outros clãs e, até, subespécies distintas, sabiam reconhecer a semelhança profunda de sua humanidade e entendiam-se da melhor maneira possível, através de mímicas, grunhidos, gestos amenos e sorrisos. Assim,

trocavam mercadorias, compartilhavam experiências e, eventualmente, até ocorriam as miscigenações.

Ao contrário da luz e das trevas, porém, os homens não encontraram o equilíbrio em relação às outras criaturas, principalmente aquelas que viam como antagônicas as suas naturezas: os lobisomens. Eram o seu adversário comum e, assim, perseguidos em todos os rincões, acuados e mortos sem clemência.

A memória havia muito apagado as razões originais do tremendo ódio dos homens pelos lobos, ou, como preferiam aqueles dizer, homens e feras, o racional e o irracional, o bem e o mal. Embora os humanos tivessem se esquecido, no princípio de tudo, alguns lobisomens passaram a rondar as fogueiras dos homens, atraídos pelo odor de carne assada. Admiravam a destreza daquelas criaturas sem pelos, cuja engenhosidade permitia-lhes não somente ter mais êxito nas caçadas como viverem e procriarem mais. Porém, em vez de repartirem sua comida como faziam caso os intrusos fossem seres humanos de outras paragens, reagiram violentamente, matando tantos lobisomens quantos puderam com suas lanças, flechas e clavas. Pior ainda, utilizaram os lobisomens mortos também como alimento. Os sobreviventes, assustados, ficaram chocados e enraivecidos. Tempo depois, em retaliação, enquanto os homens estavam longe, os lobisomens remanescentes atacaram o acampamento do clã e levaram algumas crianças, matando as mães que reagiram. Os homens lamentaram e contaram o ocorrido aos seus semelhantes, clamando por vingança.

— Malditos lobisomens! — tornou-se o brado. — Malditos lobisomens!

Ao contrário da crença propagada e do que os próprios humanos tinham feito, os lobisomens não devoraram as crianças. Criaram-nas como se fossem seus filhos, alimentavam-nas, protegiam-nas. Só não lhes era permitido retornar à comunidade dos homens. Disso restaram histórias e lendas sobre crianças-feras e homens selvagens, o mito de Rômulo e Remo e até as histórias do Lobo Mau. Procuravam os recantos mais ermos para sobreviver: no alto das montanhas, em fendas, nas grutas, no interior inacessível das florestas. Embora fossem fortes e corajosos, sabiam que não eram páreo diante das armas, da astúcia e do barbarismo de seu cruel adversário.

A humanidade, pelo contrário, crescia, avançava, espalhava-se sem cessar.

Colecionar presas de lobisomens ou ter suas cabeças como troféus tornaram-se símbolos de coragem entre os humanos através dos quais poder-se-iam galgar postos mais elevados na hierarquia. Muitos lobisomens foram queimados: vivos ou mortos,

adultos ou filhotes, machos ou fêmeas, pouco importava. Todavia, a maioria era esquartejada. Quando tinham a oportunidade e prendiam um deles vivo, o lobisomem era esfolado. Seus gritos aterradores preenchiavam a noite. O odor de sangue esparramava-se ao vento. Aves noturnas revoavam assustadas. Abutres esperavam pacientes. A pele era curtida e presenteada ao líder, que a vestia como uma capa; e as presas, como colar. Então, sentindo-se impregnado do poder da criatura, soltava o brado legendário:

— Malditos lobisomens!

Ao qual os demais membros do clã, da tribo ou da aldeia faziam coro:

— MALDITOS LOBISOMENS!

Festejavam noite adentro ao redor da fogueira, sob o crepitar das brasas. Tocavam instrumentos de sopro, corda e percussão. Cantavam. Bebiavam muita cerveja. Diferentes partes do lobisomem enfeitavam os arredores: fincados em estacas, pendurados sobre tendas, disputados por cães, utilizados para assustar crianças. Muitos risos cortavam a escuridão da noite. Afinal, eram todos humanos; e os homens eram unidos, felizes e cordiais entre si. E combatiam vigorosamente esse inimigo comum.

A caçada através dos séculos e milênios foi tão eficaz que chegou uma época em que somente uma alcatéia restou. Desafortunadamente, porém, pistas sobre ela foram encontradas por um rastreador.

Um plano foi traçado.

Aproveitaram-se da luz do dia, pois os lobisomens, havia muito, tornaram-se noturnos e furtivos a fim de fugir às perseguições.

— A toca deles fica ali — apontou o rastreador para o alto de uma montanha.

Os homens e mulheres do grupo, fortemente armados, empreenderam uma penosa caminhada que não tardou a se tornar escalada, através de caminhos tortuosos e íngremes.

— Que praga — resmungou o chefe. — Tem certeza, batedor?

O homem mais velho e experiente limitou-se a virar e, sem emitir palavra, pediu silêncio.

Prosseguiram através de rochedos e penhascos até avistarem uma fenda no meio da montanha, anteriormente imperceptível devido a um capricho da perspectiva. Eram os primeiros homens em toda a história da humanidade a atingir aquele ponto. Avançaram e, a princípio, sentiram—se inseguros na escuridão da caverna. Mas o rastreador foi enérgico quanto a necessidade de continuarem quietos e não acender nenhuma tocha. Caminharam

devagar pela escuridão. Pedras rolaram. Morcegos guincharam. Por fim, avistaram luz. Aliviados, emergiram para a claridade. Encontraram-se diante de um abismo, mas, a direita, havia um arco de pedra formado pelo capricho da água, do vento e da areia que os conduziu, finalmente, a uma saliência do outro lado onde puderam ver mais abaixo o ninho da alcatéia. A alcatéia era formada por dezesseis lobisomens, metade dos quais filhotes. Estavam no interior de uma gruta, próximos à entrada. Dormiam amontoados uns sobre os outros. Era tudo o que restava de uma numerosa e longa linhagem sobre a Terra. Os caçadores moveram-se cautelosamente, tomando posição onde o vento não pudesse levar seus odores até os inimigos. As mulheres prepararam seus arcos, enquanto os homens desceram quase ao nível da gruta, armados de facas, lanças e bordunas. A um sinal. As mulheres dispararam as flechas das quais duas atingiram seus alvos.

Os lobisomens feridos urraram de dor.

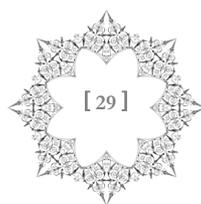
Os outros despertaram assustados.

Instaurou-se um pandemônio.

Silêncio tornou-se inútil.

— Ataquem!

Os caçadores saltaram e fincaram suas lâminas nos outros lobisomens. Sangue esguichou. Pegos desprevenidos, estes pouco puderam fazer para enfrentar a horda sanguinária e defender suas famílias. Alguns emitiram rosnados roucos e outros — as fêmeas — uivaram de forma aguda quando uma faca ou lança perfuraram-lhes a carne. Um ou outro tiveram seus crânios esmagados pelas clavas, embora a regra fosse a de que se procurasse quebrar braços ou pernas, afinal, os crânios intactos dariam excelentes troféus. Quanto aos acuados e assustados filhotes, apesar dos olhos úmidos, arreganharam corajosamente seus dentes. Entretanto, foi uma coragem inútil e motivo de riso por parte dos caçadores, pois nada puderam fazer quando as lanças os alcançaram e trespassaram os corpos macios. Somente um dos homens — o mais imprudente — terminou mordido: o chefe. As mulheres desceram para terminar o serviço e cuidaram de cortar as gargantas daqueles que agonizavam. Logo, todos comemoravam e passaram a esfolar os lobisomens, separando as partes que mais interessavam.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Mahina Parte II

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pela história "Como a Neve de Maio". Colabora com as revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre". Participou de mais de duzentas e quarenta antologias. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos" etc. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

PARTE II

O rastreador permanecera no alto, apenas como observador. Cumprira a sua parte, todavia, após assistir a cena, imediatamente arrependeu-se. Aquilo não fora uma caçada para saciar a fome, tampouco um combate, mas um massacre. Sentiu-se repugnado. Subitamente, pelo canto dos olhos, algo atraindo sua atenção. Ergueu sua cabeça. Podia jurar que vira uma coisa se mover naquela reentrância. Armado de lança e verificar as proteções de couro em seus antebraços, dirigiu-se para lá. O que descobriu deixou-o boquiaberto: era outra passagem e levava a um novo penhasco. Não havia saída. Próximo à borda, estava um lobisomem. Era jovem, fêmea, pelagem negra, visivelmente grávida. Tremia. Virou-se e lançou seu olhar assustado para o rastreador. Tentou rosnar, contudo, o medo era tanto que o som emitido assemelhou-se mais a um ganido.

O rastreador, embora sem pretender atacá-la, manteve-se atento a qualquer movimento agressivo. Apesar de nova, a força dela era superior a de qualquer ser humano adulto.

— Restou você — murmurou.

Em verdade, fizera o comentário para si próprio, porém, qual não foi o seu espanto ao ouvir.

— Não me resta mais nada...

Era uma voz delicada e chorosa.

Incrédulo, o rastreador arregalou os olhos.

— Você fala!...

— Tivemos nosso tempo e, agora, ele finda através de mim. Vocês venceram.

— ... Mas como?

— Rondamos, ouvimos, aprendemos. Há muito tempo sabemos nos expressar.

— Por que nunca o fizeram para nós?

— Deram-nos oportunidade alguma vez? Jamais estiveram dispostos a ouvir. Nunca entendi a motivação que fez sua espécie nos perseguir tão selvagememente. Só posso atribuir a inveja. Inveja por sermos altivos, dignos e nobres diante do esplendor das florestas e montanhas que são nosso lar e às quais pertencemos. Mas vocês têm derrubado as árvores pela madeira e destruído as montanhas para fazer suas estradas. Nós somos parte da Mãe Terra, enquanto vocês se julgam superiores a ela. Poderíamos ter sido aliados. Não obstante, preferiram nos trucidar, fazer de nós reflexos de sua própria

maldade. Agora, sou a última da espécie. O mundo como conheci chegou ao fim, sem que tivesse a chance de um princípio.

O lobisomem fêmea deu um passo para trás.

O rastreador gritou:

— Não! Vamos conversar.

— O tempo de conversar terminou. Sou a única que resta. Meu uivo não encontrará eco. Meu companheiro foi morto. Meus filhos não verão o luar. Acabou-se... Perdoem-me.

— Acariciou delicadamente o ventre. A seguir, a amargura em sua voz misturou-se à ironia. — Porém, isso também representará o fim da sua espécie.

O rastreador ficou intrigado.

— Como assim?

A jovem meneou a cabeça, olhos marejados.

— Seu tempo de paz deixará de existir. Os humanos são jarros de ódio por natureza. Sem nos ter como alvo de sua ira, voltar-se-ão uns contra os outros para extravasar. Ceifarão suas vidas mutuamente às dezenas, centenas, milhares... Milhões! Banharão os campos com sangue e lágrimas. Dividirão as terras em territórios dos quais não permitirão a entrada de seus semelhantes. Não obstante, cobiçarão os bens do próximo. Aniquilarão mulheres e crianças. Até chegar o dia em que os dois últimos homens, frente a frente, irão se enfrentar. Quem sabe até na borda de um abismo como este. Então, talvez uma memória ancestral faça-se ouvir e fale em suas mentes sobre um tempo — quando a Mãe Terra deitava-se prazerosamente sob o Pai Céu — em que tanto os homens quanto os lobisomens viviam em paz como se um fossem. E lamentarão. Meu nome é Mahina.

Ato contínuo, a jovem atirou-se do precipício.

— NÃÃÃOOO! — gritou o rastreador.

Tudo o que lhe restou foi um gosto amargo de premonição e remorso.

— Mahina — falou para jamais esquecer. — Mahina.

Apanhou suas coisas e, sem esperar pelos homens e mulheres que prosseguiram em suas tarefas, abandonou aquele lugar sem olhar para trás.

— *Dizem que os caçadores nunca descobriram o caminho de volta.*

— *Puxa, pai!*

— *Já era tempo de você conhecer essa história, filho.*

Não era bem o tipo de história que o garoto imaginara para poder dormir. Aliás, agora não dormiria nem se quisesse. Perguntou:

— *Mahina, a moça lobisomem, morreu?*

— *É o que dizem.*

Ele mostrou-se muito intrigado. Franziu o cenho e abriu a boca, revelando os caninos proeminentes.

— *Então, como é que estamos aqui?*

O lobisomem pai acariciou os pelos acinzentados das faces do filho.

— *Faz parte do mistério, Lupus... do mistério, como o relato em si. E o porquê de precisarmos sempre nos manter atentos e escondidos. Desculpe-me se não era bem o conto que gostaria de ter ouvido.*

— *Eu gostei de saber. Obrigado, pai. Só não podia imaginar...*

— *O quê?*

— *... Que os homens fossem tão horríveis assim.*

— *Ah, meu filho... São piores, muito piores do que jamais conseguiremos compreender.*

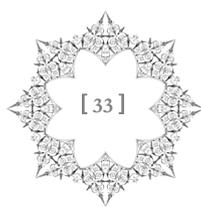
NOTA DO AUTOR:

A presente história foi originalmente publicada na antologia "Malditos Lobisomens", vol. 3 (Dark Books, 2021), organizada por James Gallagher Júnior.

"Mahina" é o nome havaiano para Lua segundo o site:

<https://historiadorgeek.com.br/index.php/2020/03/12/divindades-femininas-associadas-com-a-lua/>.

Quis criar uma história de horror envolvendo os lobisomens sob uma perspectiva diferente. Para tanto, pensei na perseguição que os europeus empreenderam aos nativos do Novo Mundo.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Kei Kei Canta

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de quarenta antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

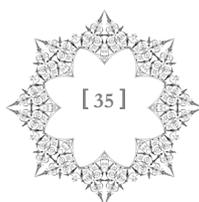
Leng Leng e Kei Kei eram cadelas Boxer, irmãs de uma mesma ninhada. Adquirimo-las com três meses de idade e até os seus dois anos e nove meses, foram criadas numa casa com muito espaço exterior e poucos ruídos externos.

Quando nos mudamos para outra cidade, em outro país, Leng Leng e Kei Kei passaram a competir pela dominância e a brigar violentamente, provavelmente pelo espaço menor, pela exposição a diferentes cenários e stressés. Então tivemos que as separar fisicamente e após considerarmos o que seria melhor para toda a família, fomos morar num duplex, com uma escada interna ligando os dois andares, a qual tinha portões com grade vazada nas extremidades de baixo e de cima.

Num final de ano, pela época do Natal, compramos um boneco com a figura do Papai Noel, com cerca de quarenta centímetros de altura, o qual portava um saxofone. Movido à pilha, o boneco "tocava" uma música de Natal ao ser ligado. Resolvemos colocá-lo por cima de um móvel na sala de estar, no andar de baixo, onde a Kei Kei ficava. E todas as vezes que ligávamos o boneco e a melodia iniciava, Kei Kei começava a fazer vários "Uus" até o término da mesma.

Entusiasmados com a façanha, começamos a bater palmas e elogiá-la, dizendo "Que linda! Kei Kei canta!"... E com isso as performances da Kei Kei só aumentavam. A ponto de não ser mais preciso do incentivo do boneco. Era só pedir "canta Kei Kei, canta!". E Kei Kei olhando para nós, "cantava". Mas, Leng Leng, que ficava no andar de cima e não entendia nada daquela encenação, latia revoltada.

Kei Kei então, de uma inteligência aguçada e "metida" a provocações, não se fez de rogada. Ao "cantar", começou a colocar as patas dianteiras sobre o primeiro degrau da escada, bem junto à parede, de um modo que a Leng Leng, lá de cima, conseguisse vê-la além de ouvi-la. Não dava outro resultado: enquanto Kei Kei "cantava", Leng Leng latia desoladamente.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Treinamento Na Jaula

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de quarenta antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

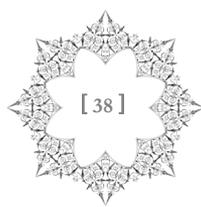
Leng Leng e Kei Kei eram duas cadelas da raça Boxer, irmãs da mesma ninhada que vieram para nossa casa com três meses de vida. Viveram neste local até os seus 2 anos e 9 meses, com muita liberdade e sem nunca terem sido fechadas em casotas e/ou jaulas. Mas, depois de tomarmos a decisão de mudar de país e levá-las conosco, era preciso treiná-las para evitar maiores traumas e poderem se ajustar às recomendações das licenças e transportadoras. Então, com a viagem já programada que envolvia um longo trajeto de carro e três trechos de avião, além do tempo de espera nos aeroportos, com cerca de 36 horas no total, e escolhida a melhor companhia possível para transporte de animais naquela época, compramos as passagens, incluindo para as duas cadelas. E compramos uma casota/jaula para começarmos o treinamento. O teste inicial começou com Kei Kei, a dominante, sendo a primeira a entrar na jaula e permanecer por alguns segundos. Mas ao chegar a vez da Leng Leng, Kei Kei atacou-a violentamente e não a deixou entrar. Lição número um: seria melhor comprar duas jaulas ou fazer o treinamento em separado. Optamos pela primeira solução, que encurtaria o tempo gasto no treino e já seriam as jaulas definitivas para a longa viagem. No primeiro dia de treino, começamos com poucos minutos, ao mesmo tempo, cada uma delas na sua respectiva jaula, que continha um recipiente/garrafa para água, com a abertura virada para baixo onde havia um tubo em "L", com uma esfera metálica na sua extremidade. Se se movia a esfera, a água saía em gotejamento. Esta garrafa era fixada na grade metálica da porta da jaula. Era preciso treiná-las também como tomar água naquela condição durante a viagem. A Kei Kei portava-se lindamente, mas a Leng Leng chorava e resmungava o tempo todo. E fomos aumentando gradativamente o tempo de treinamento, que era sempre durante o dia. Até que próximo à viagem, com as jaulas dentro de casa, foi realizada uma sessão noturna com cerca de 10 horas de duração. Começava pelas 20 horas e prolongava até às 6 horas do dia seguinte. Pois bem, as preliminares correram sem problemas. Com as duas cadelas fechadas nas respectivas jaulas e após a despedida, as luzes foram desligadas para uma esperada noite de descanso.

Então, a Leng Leng começou com choros e resmungos bem altos e não atendia aos comandos para parar. Foi quando a Kei Kei "perdeu" a paciência e com um "UL" alto e grave, colocou "ordem na casa".

Não se ouviu mais nenhum "pio" da Leng Leng durante toda a noite.

Que sossego!

Nota: A viagem foi realizada e as duas cadelas chegaram muito bem ao destino.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Eu Também

Por Sellma Luanny

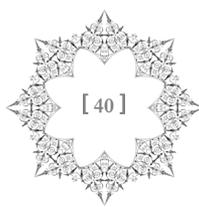
Sellma Luanny são os prenomes e um dos pseudônimos de Sellma Luanny Silva Coimbra Batalha. Brasileira, Médica e Anátomo-Patologista, reside em Macau, China, desde 1987 onde trabalhou como patologista por quase trinta anos. No idioma português, publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias (Rio das Pérolas e Da Ficção à Realidade ...em ano de Covidamento) – todos em papel. Tem participado de quarenta antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, a autora tem lançado suas séries de poemas e histórias curtas.

Ao meu alcance
eu só queria uma nave
que ao desconhecido
se pudesse jogar...
para desvendar e surpreender...
aventurando.
E o objetivo maior... só plenitude.

E a empurrar...
o vento do mar ou interestelar.
À procura de diferentes surpresas
para frente... sempre...
eu e a nau... sem destino
sedentos febris... ao som de uma flauta...
que seja doce!

Onde os mistérios e os astros
sem se darem conta,
em meio ao obscuro
e profundo espaço
também navegam...
Enquanto os seus seres sonham.

Talvez por impulso
e curiosidade, como eu,
sonham um dia ao espaço
se lançarem... como filhos
de um universo que assusta...
mas acima de tudo,
atrai e gratifica.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Lilith

Por Cida Simka e Sérgio Simka

CIDA SIMKA

É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros *O enigma da velha casa* (Editora Uirapuru, 2016), *Prática de escrita: atividades para pensar e escrever* (Wak Editora, 2019), *O enigma da biblioteca* (Editora Verlidelas, 2020), *Horror na biblioteca* (Editora Verlidelas, 2021), *O quarto número 2* (Editora Uirapuru, 2021) e *Exercícios de bondade* (Editora Ciência Moderna, 2023). Colunista da revista *Conexão Literatura*.

SÉRGIO SIMKA

É professor universitário desde 1999. Autor de mais de seis dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série *Mistério*, publicada pela editora Uirapuru. Colunista da revista *Conexão Literatura*. Seu mais recente trabalho acadêmico se intitula *Pedagogia do encantamento: por um ensino eficaz de escrita* (Editora Mercado de Letras, 2020) e seu mais novo livro se denomina *Exercícios de bondade* (Editora Ciência Moderna, 2023).

Mônica se preparava para ir trabalhar quando ouviu uma espécie de grito — ou foi mesmo um uivo? — um pouco próximo de sua casa. Achou muito, muito estranho, pois morava em um bairro nobre da cidade, quase ao lado dos prédios dos bacanas, das pessoas ricas do município.

Preparava-se para sair quando a lembrança do evento da semana passada no trabalho se colou à sua mente mais uma vez e seus olhos se encheram de lágrimas.

Mônica não se dava com uma funcionária lá no escritório, a Lilith, que chegara de paraquedas nem fazia três meses, a mando não se sabe de onde, mas ela suspeitava. A antipatia recíproca era notória a todos, o ambiente sempre tenso não proporcionava satisfação a ninguém.

Aí a Lilith, que começou a seu bel-prazer chefiar todos, sob a complacência da supervisora, a dona Silveira, mandou que Mônica fosse até a copa servir um café para elas. Claro que Mônica se recusou alegando não ser sua tarefa e que ela, a Lilith, se colocasse em seu devido lugar, com o indispensável respeito.

Foi um bafafá dos diabos. No final, sobrou até uma advertência a Mônica por parte da supervisora.

Todos os funcionários ficaram indignados, ou quase todos, pois alguns eram protegidos das duas e não tomavam partido.

A lembrança se desfez quando Mônica, ao fechar o portão de casa atrás de si, ouviu nitidamente o uivo.

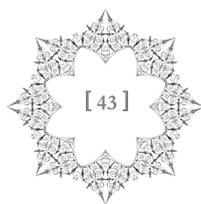
Olhou para os lados. Àquela hora da manhã, havia poucos transeuntes.

Começou a andar mais rápido, o escritório ficava a poucas quadras de distância.

O uivo foi ficando mais intenso, mais próximo, mais sobrenatural.

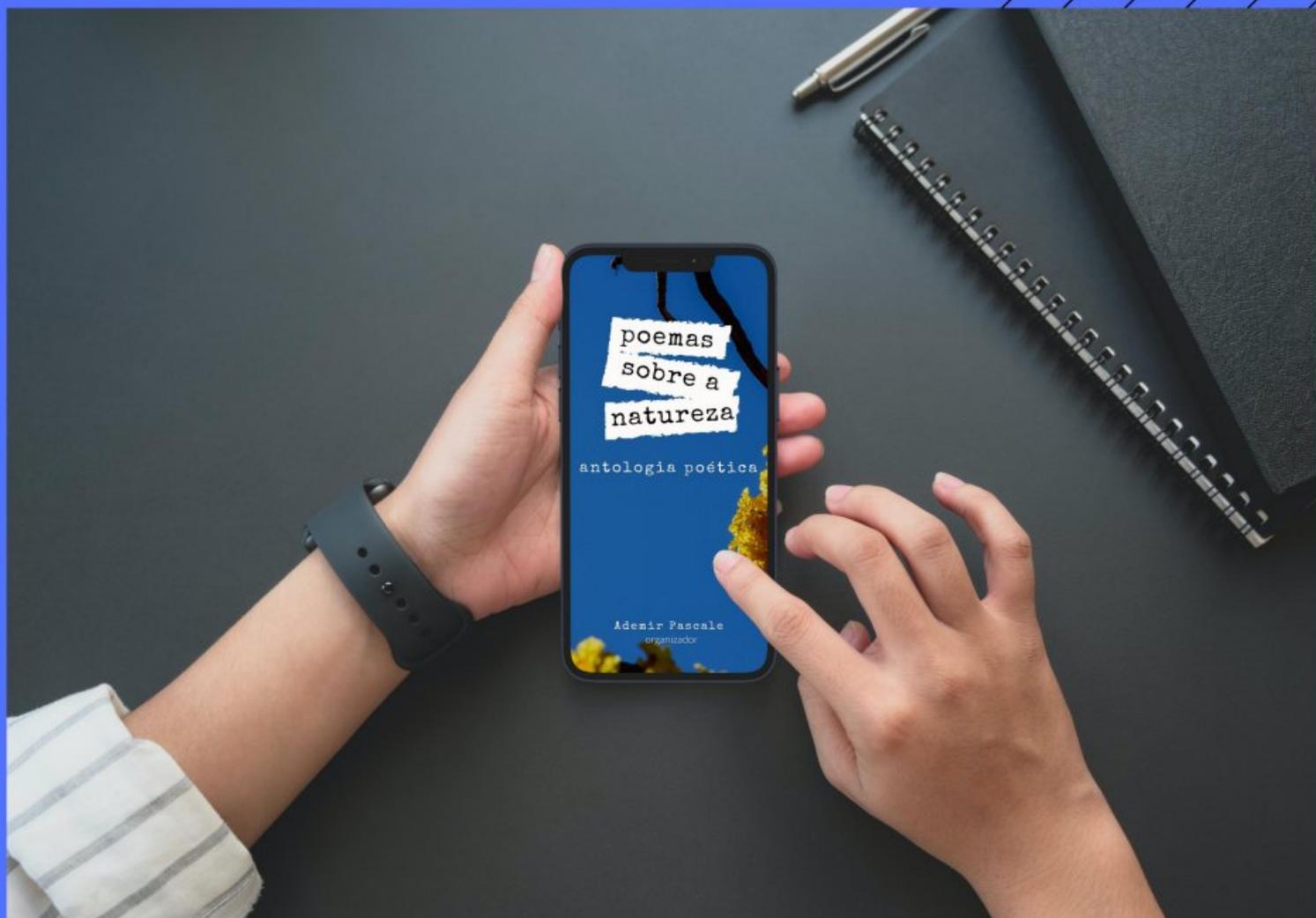
Faltando poucos metros, Mônica se deparou com uma figura de cabeça baixa se aproximando na mesma calçada. Assim que passou por ela, sentiu algo se entranhar em suas costas, a dor foi cruciante e a escuridão tomou-a nos braços.

Antes de cerrar seus olhos para sempre, Mônica ouviu novamente o uivo. Dessa vez, estava a seu lado.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**